

RESGATANDO TRAJETÓRIAS E TROCANDO SABERES: INTERCOMUNICAÇÕES ENTRE MULHERES EMPREENDEDORAS DO PAULISTA E ESTUDANTES DO CURSO TÉCNICO EM ADMINISTRAÇÃO DO IFPE - CAMPUS PAULISTA

RESCUING TRAJECTORIES AND CHANGING KNOWLEDGE: INTERCOMMUNICATION BETWEEN BUSINESSWOMEN FROM PAULISTA AND STUDENTS OF ADMINISTRATION COURSE FROM IFPE

LIMA, Fernando Augusto Semente

Instituto Federal de Pernambuco; fernando.lima@paulista.ifpe.edu.br

MENEZES, Jessica Sabrina de Oliveira

Instituto Federal de Pernambuco; jessica.oliveira@paulista.ifpe.edu.br

CARVALHO-FILGUEIRA, Paava de Barros de Alencar

Instituto Federal de Pernambuco; paava.carvalho@paulista.ifpe.edu.br

CAMELO, Elizabeth de Oliveira

Instituto Federal de Pernambuco; elizabeth.camelo@paulista.ifpe.edu.br

LIMA, Larissa Emilly Araújo de Lima

Instituto Federal de Pernambuco; larissaarauj.lima@hotmail.com

ALVES, Nathalie de Lima

Instituto Federal de Pernambuco; nathalielalves@gmail.com

JÚNIOR, Rogério Oliveira do Nascimento

Instituto Federal de Pernambuco; junnyoroliveira.77@gmail.com

Resumo

O artigo apresenta trajetórias de mulheres empreendedoras no município do Paulista, região metropolitana do Recife, atentando para questões de gênero que importam na atmosfera que permeia o negócio no qual as personagens retratadas estão envolvidas. As narrativas que evidenciam as trajetórias emergiram a partir da execução de entrevistas semiestruturadas contemplando três personagens – representantes de ramos de atividade econômica diferentes. Tais narrativas foram submetidas à quatro dimensões previamente estabelecidas: Empreendimento, gênero, pessoal e processo. Essa submissão permitiu-nos identificar, nos discursos evocados, posicionamentos referentes às questões do empreendimento, como a motivação para empreender, se por necessidade ou oportunidade, bem como aquelas relativas a gênero – esta última dialogando positivamente com questões apontadas por Stamatto (2002), Louro (2017) e Rago (2017), no sentido das dificuldades históricas que se impõem à categoria mulher na experiência de um protagonismo social no mundo do trabalho. Desse modo, a partir da análise das dimensões, verificamos, em comum nas trajetórias, discursos que corroboram com a ideia da tripla jornada, e do desempenhar atividades historicamente atribuídas às mulheres. Ademais, as trajetórias resgatadas consistiram em um importante ato de reconhecimento dos saberes e competências das personagens, ao mesmo tempo em que conferiram aos envolvidos na experiência, sobretudo aos estudantes associados ao projeto, uma oportunidade de vivenciar a prática administrativa real, sujeita a complexas variáveis intervenientes que atuam positiva e/ou negativamente para o sucesso de um negócio.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Gênero. Mulheres. Sociedade. Trajetórias.

Abstract

The article presents the trajectories of female entrepreneurs in the city of Paulista, Recife metropolitan area. We focused on gender issues that matter in the atmosphere that permeates the business in which the portrayed characters are engaged in. The narratives that show the trajectories emerged from the execution of semi-structured interviews with three representative characters of different branches of economic activity. Such narratives were subjected to four previously established dimensions: Enterprise; Genre; Personal and Process. This submission allowed us to identify, in the speeches evoked, positions regarding the issues of the enterprise, such as the motivation to undertake, whether by necessity or opportunity, as well as those related to gender - the latter dialoguing positively with issues pointed out by Stamatto (2002), Louro (2017) and Rago (2017), in the sense of the historical difficulties that are imposed on the category of women in the experience of social protagonism in the world of work. Thus, from the analysis of the dimensions, we verified, in common in the trajectories, discourses that corroborate the idea of the triple journey, and of performing activities historically attributed to women. In addition, the rescued trajectories consisted of an important act of recognition of the knowledge and skills of the characters, at the same time that they gave those involved in the experience, especially the students associated with the project, an opportunity to experience real administrative practice, subject to complex variables. stakeholders that act positively and / or negatively for the success of a business.

Keywords: Entrepreneurship. Genre. Women. Society. Trajectories.

1 Introdução

Trajetórias são importantes. Estas denunciam sabores e dissabores comuns à condição humana, experimentados em caminhos os quais percorremos no tempo e no espaço. O tempo e o espaço não são, por sua vez, elementos estanques. Estes variam largamente. O que foi pode não mais ser, aqui ou alhures, agora ou outrora. Assim é a mola da história. Fazemos história a cada momento. Contudo, história não registrada é como letras escritas na água. Registrá-la é empoderar aqueles que a fazem, cotidianamente. Este artigo trata disso, de história. Trata da história de três personagens, mulheres, que desempenham suas atividades econômicas a despeito de dificuldades que lhes são apresentadas, dificuldades estas que, à luz da teoria, nos é permitido afirmar que são estruturais e conservadas no tempo e no espaço. Aqui, analisaremos e refletiremos sobre suas trajetórias empreendedoras, atentando sobretudo para a dimensão gênero, estruturante de suas condições enquanto empreendedoras.

As mulheres no Brasil, de acordo com Louro (2017), Rago (2017) e Stamatto (2002), historicamente – via de regra – conectaram-se às atividades econômicas de menor prestígio social. A lógica da casa e da rua, relegou às mulheres o espaço doméstico como lugar por excelência de suas atividades. Tal espaço, em contraposição ao espaço público das atividades econômicas, acabou por exercer um fator limitador daquela categoria social no

alvorecer do capitalismo: menores possibilidades de aquisição de conhecimento formal; menores possibilidades de aquisição de fontes de financiamento etc. Diante desse cenário histórico, em concordância com as posições verificadas nos últimos dois relatórios do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) 2016 e 2017 (GEM, 2017, 2018), no sentido de referenciar limitações quanto a redes de financiamento por parte de empreendedoras, buscou-se resgatar a trajetória de três empreendedoras do município do Paulista que desempenham suas atividades no centro da cidade, utilizando – para isso – ferramentas de pesquisa qualitativa, como entrevistas semiestruturadas, revisão bibliográfica e análise de campo. Para a sua consecução, foram realizadas visitas *in loco* aos estabelecimentos onde os depoimentos foram tomados por ferramenta audiovisual. Em tempo, convém ressaltar que este artigo é fruto de um projeto extensionista no âmbito do IFPE *Campus* Paulista, com especial participação dos bolsistas, os quais promoveram trocas de saberes com as personagens aqui retratadas.

No decorrer do artigo, detalharemos com maior substância as etapas de pesquisa que culminaram na confecção deste, a saber: as questões que aludem à teoria, aos passos metodológicos e à análise das narrativas das personagens, em concordância com a fundamentação teórica apontada.

2 Fundamentação Teórica

Empreender vai além de imaginar, sonhar ou pensar em ideias inovadoras, pois sua essência está diretamente ligada à realização de algo que impacta direta ou indiretamente a vida econômica e/ou social de alguém. Para Schumpeter (1934, 2017), um economista austríaco que se tornou um clássico na literatura do empreendedorismo, empreendedores são os agentes catalisadores das mudanças econômicas. No caso do Brasil, podemos considerar que a ação empreendedora muitas vezes se tornou a principal opção para quem quer ganhar algum dinheiro e sobreviver diante do cenário de crise econômica vivenciado nos últimos anos.

Considerando esse contexto, abordar trajetórias de mulheres empreendedoras importa, na medida em que se verifica o índice de empreendedorismo no Brasil, denunciado por meio da taxa de atividade empreendedora. Tomemos como base os dados da pesquisa GEM 2016 e GEM 2017 (últimos relatórios publicados até o momento), cujo objetivo é monitorar, além da taxa de empreendedorismo, a relação oportunidade/necessidade, a

participação das mulheres, dos jovens e a motivação para empreender. Trata-se da principal pesquisa sobre empreendedorismo no mundo, da qual participaram 65 países em 2016 e 54 em 2017, considerando que esses 54 países representam 70% da população e do PIB mundial (GEM, 2018). A pesquisa é coordenada por um consórcio de instituições internacionais chamado *Global Entrepreneurship Research Association* (GERA), liderado pela London Business School (Londres) e pela Babson College (Boston).

No Brasil, esse estudo é desenvolvido desde o ano 2000 e responde por sua realização o Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBQP), com o apoio do Sebrae. De acordo com a pesquisa, é possível notar que:

os resultados de 2016 mostram uma leve supremacia feminina entre os empreendedores iniciais, com 51,5%, enquanto a participação masculina foi de 48,5%” (GEM, 2016, p.45), resultado que – basicamente – inverteu os números verificados no ano anterior. Entretanto, de acordo com a pesquisa, “a equidade entre homens e mulheres à frente de novos negócios não se mantém quando é analisada a participação por gênero nos empreendimentos estabelecidos. [...] entre os empreendedores brasileiros com negócios em funcionamento há mais de 3,5 anos, 57,3% são homens, enquanto 42,7% são mulheres, representando, uma diferença de 14,6% entre os gêneros. Este indicador era ainda mais contrastante até 2009 quando alcançou 25,4%, com mulheres dirigindo somente 37,3% dos negócios estabelecidos, enquanto os homens respondiam por 62,7%. Por outro lado, desde 2010, esta diferença segue relativamente estável, o que pode indicar a necessidade de mais investimento em programas de apoio a mulheres com negócios já estabelecidos (GEM, 2017 p.45-46).

Já os resultados do relatório de 2017 (GEM, 2018) apresentam uma ligeira liderança masculina de 2,9% na taxa de total de empreendedorismo por gênero. Essa diferença aumenta para 4,2% quando tratamos isoladamente da taxa de empreendedores estabelecidos. No entanto, as mulheres ainda superam os homens em 0,8% no quesito de empreendimentos em estágio inicial. Considerando esses dados, convém refletir sobre questões de ordem estrutural na sociedade brasileira que relegaram (e ainda relegam) boa parte das mulheres a atividades econômicas subalternas, nas quais não atuavam como protagonistas. Tal posição nos leva à consideração do machismo estrutural, denotado, no campo do trabalho, pela evidência de recebimento de salários menores pelas mulheres em comparação aos homens, além da existência de um descrédito em relação à capacidade feminina para exercer cargos de chefia/atividades de gestão.

Esse tipo de distinção entre as pessoas com base no gênero e a consequente suposição de capacidade ou de incapacidade para realizar determinadas funções/atividades podem ser compreendidas à luz da história da escolarização no Brasil. Esta tanto foi orientada pelo machismo estrutural presente em nossa sociedade, quanto

contribuiu para a consolidação deste. De acordo com Stamatto (2002), entre o século XVI e o XX, é possível dividir a relação entre mulheres¹ e a escolarização no Brasil em três grandes momentos, a saber: 1. Exclusão feminina do processo de escolarização – 1549-1758; 2. A inclusão restrita das mulheres na escola - 1758-1870; 3. Professora sim... mas acompanhada do pai – 1870-1910. O primeiro recorte temporal aborda o momento que era negado às mulheres/meninas o acesso à escolarização. De acordo com a professora e pesquisadora,

desde a primeira escola de ler e escrever, erguida incipientemente lá pelos idos de 1549, pelos primeiros jesuítas aqui aportados, a intenção da formação cultural da elite branca e masculina foi nítida na obra jesuítica. As mulheres logo ficaram excluídas do sistema escolar estabelecido na colônia. Podiam, quando muito, educar-se na catequese. Estavam destinadas ao lar: casamento e trabalhos domésticos, cantos e orações, controle de pais e maridos. (STAMATTO, 2002, p.295)

Essa prática de enclausuramento feminino durante o período colonial serviu à manutenção da dominação masculina. Após esse primeiro momento, com o advento das reformas pombalinas e a instituição das aulas régias² na colônia, houve a possibilidade de acesso à escolarização para pessoas do gênero feminino. É óbvio que não se quer, aqui, fazer a defesa desse período como isento de problemas; pelo contrário, para a institucionalização da educação, tratou-se de um retrocesso, considerando que os jesuítas

¹ A pesquisadora em questão traz, nesse ensaio, uma tentativa de historiar a relação que mulheres brancas/burguesas travaram com o próprio processo de escolarização. Da mesma forma, faz a professora Guacira Lopes Louro, em *Mulheres na sala de aula* (LOURO, 2017). É importante salientar que, ao se falar em mulher (sobretudo após uma ampliação dessa categoria de análise por meio das concepções do feminismo interseccional), entendemos que não se trata de uma categoria única, mas reconhecemos uma multiplicidade de compreensões de sujeitos femininos, sobretudo por compreendermos o papel dos marcadores sociais da diferença. Diante disso, salientamos que o percurso histórico do qual tratamos aqui direciona nosso olhar para perceber como se deu o processo de escolarização de mulheres brancas/burguesas. Mulheres indígenas, negras, proletárias, ou com deficiência, por exemplo, vivenciaram, por certo, processos que guardam extrema diferença em relação ao que se trata aqui.

² Vale salientar que os objetivos de Pombal estavam distantes do que compreendemos como tentativa de promoção da equidade. Seu intuito era meramente econômico, pois, através da instituição dessa estrutura educacional, a colônia pagaria impostos à coroa portuguesa. Nas palavras de Stamatto (2002, p. 297), “com Pombal, ao menos oficialmente, as meninas entram na escola e abre-se um mercado de trabalho para as mulheres: o magistério público. Em 1755, o governo português determinou que a direção das povoações jesuíticas passaria ao clero regular e que deveria haver duas escolas 4 de ensinar a ler e escrever: uma para os meninos e outra para as meninas. Originalmente, esta lei era restrita ao Norte do país, entretanto, em 1758, pelo alvará de 17 de agosto, estas normas foram estendidas a todo território brasileiro. Em 1772, a administração pombalina empreendeu a reforma dos Estudos Menores, criando a Diretoria Geral de Estudos, subordinada ao rei, proibindo o ensino particular sem permissão desta Diretoria, controlando o conteúdo do ensino e os livros didáticos, através da Real Mesa Censória, e criando as famosas aulas régias, pagas pelo subsídio literário - imposto também criado nesta reforma - especialmente destinado ao pagamento do magistério. Surgia a figura do professor / professora público(a)”.

foram impedidos de dar prosseguimento a um sistema educacional minimamente estruturado. Por outro lado, avançou-se no que diz respeito à possibilidade de inclusão feminina no universo letrado. Essa inclusão, entretanto, não proporcionou às meninas/mulheres os mesmos conhecimentos aos quais os meninos/homens tinham acesso, o que já impactava numa percepção salarial desigual. Em 1827, houve a primeira legislação no país que estabelecia as “escolas de primeiras letras”:

Ler, escrever e contar, saber as quatro operações, mais a doutrina cristã, nisso consistiam os primeiros ensinamentos para ambos os sexos; mas logo algumas distinções apareciam: para os meninos, noções de geometria; para as meninas, bordado e costura.

[...]

Aqui vale notar que, embora a lei determinasse salários iguais, a diferenciação curricular acabava por representar uma diferenciação salarial, pois a inclusão da geometria no ensino dos meninos implicava outro nível de remuneração no futuro - que só seria usufruído pelos professores (LOURO, 2017, p. 444).

Essa diferenciação no currículo era, obviamente, pautada num machismo estruturante das relações travadas entre ambos os gêneros. A organização curricular obedecia à definição dos papéis a serem assumidos na sociedade por pessoas de ambos os gêneros, ao mesmo tempo que a própria educação contribuía para o reforço em relação à suposta existência de diferenças primordiais (inatas) entre homens e mulheres. O domínio da casa, por exemplo, era claramente o destino feminino, para o qual “as moças deveriam estar plenamente preparadas” (LOURO, 2017, p. 446), não havendo necessidade de “*mobiliar* a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial - como esposa e mãe - exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios” (LOURO, 2017, p. 446, grifo da autora).

Nas últimas décadas do século XIX, para finalizarmos a periodização traçada por Stamatto (2002), os homens começaram a deixar docência, certamente em virtude do processo de industrialização e de urbanização que proporcionava outras oportunidades de trabalho, o que abriu espaço para uma feminização do magistério. Entretanto, esse movimento não se deu sem que houvesse resistência. Conforme Louro (2017, p. 446),

toda e qualquer atividade fora do espaço doméstico poderia representar um risco. Mesmo o trabalho das jovens das camadas populares nas fábricas, no comércio ou nos escritórios era aceito como uma espécie de fatalidade. Ainda que indispensável para a sobrevivência, o trabalho poderia ameaçá-las como mulheres [...].

A esse respeito, de acordo com Rago (2017, p.585), “muitos acreditavam [...] que o trabalho da mulher fora de casa destruiria a família, tornaria os laços familiares mais frouxos

e debilitaria a raça [...]”. Desse modo, percebe-se que houve diversos entraves à inserção da mulher tanto no universo acadêmico quanto no profissional (e cabe lembrar que nem nos dedicamos a discutir questões relativas ao ingresso das mulheres proletárias no mercado de trabalho e as violências diversas às quais foram submetidas, que vão desde jornadas desumanas até a caracterização desse ambiente como não feminino, além de abusos sexuais). Em virtude disso, a mulher não assumia postos de comando, visto que eram consideradas “pouco racionais” para esse tipo de atividade. Nesse sentido, admitimos a perpetuação de uma gama de entraves aos quais as mulheres são submetidas em virtude da construção social do gênero que ainda se manifestam na sociedade atual.

Diante disso, analisar as trajetórias das mulheres empreendedoras que se disponibilizaram a participar do projeto significou pôr foco sobre as dificuldades enfrentadas pelo grupo, mas também atentar para práticas administrativas exitosas, de modo que a comunidade acadêmica foi levada a aprender e a apreender neste círculo virtuoso. Ademais, esta teve a oportunidade de contribuir – com base no conhecimento acadêmico adquirido no Curso Técnico em Administração – para que essas mulheres desenvolvessem práticas administrativas cada vez melhores.

3 Metodologia, Materiais e Métodos

Resgatar trajetórias consiste em um procedimento de escuta. Para que estas possam emergir, na forma de histórias que serão registradas e analisadas, é preciso, antes, uma aproximação planejada com as personagens em potencial. Desse modo, obedecendo aos passos apontados por Baur e Gaskell (2015), no sentido de uma pesquisa qualitativa orientada por imagem e som (nosso caso), importa refletir sobre a caracterização das personagens, como serão entrevistadas e como os dados provenientes dessas entrevistas serão eventualmente lapidados, analisados, de modo que conclusões possam emergir desse procedimento.

A caracterização de nossas personagens obedeceu a critérios simples. As personagens tinham de ser do sexo feminino, desempenhar suas atividades econômicas no município do Paulista e ser as responsáveis pelo negócio em questão. Após essa caracterização, procedemos à ida a campo (especificamente no centro da cidade) para a identificação de potenciais personagens a serem entrevistadas. Importante salientar que, num primeiro momento, o método *snowball* foi estabelecido, porém sem continuidade. As

dificuldades relativas à indicação por parte da primeira entrevista, para a composição da rede, culminaram no abandono do passo metodológico. Em tempo, é salutar apontar que personagens que tecem suas atividades econômicas diariamente no mundo do empreendedorismo - que dos empreendimentos tiram sua subsistência - têm grande indisponibilidade para a participação de entrevistas cuja média de tempo é uma hora. Isso se deve ao fato de que tempo orientado à outras atividades, por parte das empreendedoras (as personagens em questão), significa menos faturamento. Sendo assim, diante da impossibilidade de se aplicar o método supracitado (*snowball*) procedeu-se à exploração das redes de contato dos membros participantes da pesquisa, visando identificar e contatar potenciais personagens a serem entrevistados.

Posterior à caracterização e consequente contato, executamos entrevistas semiestruturadas sob o amparo de um tópico guia. Este contemplava questionamentos conectados às dimensões empreendimento, gênero, pessoal e processos. Essas dimensões foram definidas a partir da reflexão dos membros da pesquisa, amparando-se em manuais de empreendedorismo que põem foco sobre elementos de ordem pessoal (sobretudo motivação), domínio dos processos administrativos e aspectos gerais do empreendimento, bem como a importância conferida às questões gênero, haja vista a natureza da pesquisa. A dimensão Empreendimento referiu-se ao negócio de forma ampla: questões sobre a natureza do negócio foram contempladas. A dimensão Gênero, às questões referentes à condição da categoria mulher e como esta dialogava com a atividade econômica desempenhada, abrigando questões como dinâmica do trabalho e conscientização de gênero. A terceira, Pessoal, lançava questionamentos que consideraram a experiência pessoal e características pessoais, como formação, estado civil, história de vida etc. Por fim, a dimensão Processos referiu-se a questões relativas aos processos no âmbito do negócio: questões como fluxos logísticos, financeiros, *marketing*, mapeamento de processos. Operacionalmente esse material fora adquirido por meio de ferramentas audiovisuais: previamente estabelecia-se um roteiro, associado à preparação da entrevistada e análise do ambiente (locação), sobretudo no que concerne a interferências sonoras e de luminosidade. A utilização de audiovisual (câmera de vídeo) – possível a partir da expertise de um membro da equipe - se deu e cumprimento à ambição de construção de um documentário.

Concluída a etapa de aquisição dos dados, deu-se a decupagem (transcrição do material audiovisual) e análise destes por parte dos bolsistas envolvidos com o projeto. A tarefa consistiu em verificar, nas narrativas, as passagens que importavam em cada

dimensão e como essas dialogavam com a teoria – seja positiva ou negativamente – de modo a embasar posições, atentando para divergências e convergências nos discursos das personagens. Salutar apontar que as dimensões se entrelaçarem, embora a de gênero mereça destaque, uma vez que processos administrativos, as questões pessoais (eram mulheres), bem como as razões para a criação do empreendimento e o segmento desse podiam estar associados à questão de gênero – razão pela qual o foco de análise deteve-se nesta dimensão.

4 Resultados e Discussão

Durante o período de coleta de dados, por meio do resgate das trajetórias registradas em audiovisual, foram entrevistadas três mulheres empreendedoras com diferentes segmentos de negócio, idade e escolaridade. Sendo elas:

- Empreendedora A: Proprietária da Loja LPD, um box localizado na feira do Paulista, que vende moda feminina, com atenção especial para moda *plus size*. Casada. Segundo grau completo. Tem quarenta e três anos de idade e empreende há dezessete anos. Começou a empreender por necessidade.
- Empreendedora B: Proprietária de um salão de beleza em Paulista, tendo entre os serviços tratamentos capilares, manicure, pedicure e procedimentos estéticos. Casada, com formação técnica em Recursos Humanos, cabeleireira e estudante de Estética e Cosmetologia. Quarenta e três anos de idade. Empreende há doze anos. Começou a empreender por oportunidade.
- Empreendedora C: Sócia de uma lanchonete no centro do Paulista. Solteira. Mora com os pais. Estudante de Gastronomia. Vinte e quatro anos de idade. Empreende desde os vinte anos. Começou a empreender por oportunidade.

A partir da fala das entrevistadas foi possível observarmos a semelhança em suas trajetórias – por exemplo: a existência de uma figura masculina como aspecto motivador para a abertura do empreendimento. Além disso, foi possível observar a existência de dificuldades semelhantes na gestão de cada um dos negócios, mesmo se tratando de segmentos distintos, tais como a não informatização dos processos gerenciais, a

dificuldade em gerir estoques e a falta de planejamento no que diz respeito à expansão dos negócios. Isso ficou claro em falas como:

“[...] me casei e, daí, meu marido não quis que eu trabalhasse fora e pediu que eu procurasse alguma coisa que eu me identificasse pra a gente botar alguma coisa [...]”. Empreendedora A.

“[...] estava “desempregada”, mas tinha o saldo da rescisão contratual. [...] entrei nesse empreendimento na cara e coragem, como a maioria dos brasileiros [...]”. Empreendedora B.

“[...] quando eu fui trabalhar com o meu pai, ele me deu carta branca. Eu poderia fazer o que quisesse, demitir, contratar [...]”. Empreendedora C.

A semelhança entre as falas da Empreendedora A e da Empreendedora C apontam para o fato de que, apesar de elas serem donas e gestoras de seus negócios, para que esses empreendimentos tivessem início, houve uma figura masculina por trás. A Empreendedora A afirma que só abriu sua loja por conta do marido, que não aceitava que ela continuasse no seu emprego, o que pode ser explicado como o reflexo de um longo período da história do Brasil, conforme a historiadora brasileira Margareth Rago (2017), no qual o marido tinha a função semelhante à de um tutor em relação à mulher, tomando decisões pessoais por ela e limitando seu papel como cidadã. Já a Empreendedora C informa que assumiu um negócio já estabelecido pelo pai, o que pode ter facilitado no crescimento do mesmo, pois uma das dificuldades encontradas para estabelecer negócios, conforme relatos de empreendedoras brasileiras que forneceram informações utilizadas no desenvolvimento do Relatório GEM, é a menor credibilidade pelo fato de o mundo dos negócios ser tradicionalmente associado a homens. A Empreendedora B, por sua vez, afirmou não ter um figura masculina com função de impulsionar de alguma forma o negócio, além de o haver iniciado por oportunidade.

Outra observação da dimensão gênero relaciona-se aos papéis socialmente estabelecidos como femininos. Não é difícil perceber que trabalhos domésticos e/ou voltados para o cuidado são considerados como de natureza feminina, de modo que são impostos às mulheres como uma obrigação própria do gênero. A esse respeito, a professora e pesquisadora brasileira Maria Inês Sucupira Stamatto (2002), através de um recorte histórico que vai de 1549 a 1910, mostrou como se deu a relação das mulheres com a formação acadêmica, desde a negação desta a essa parcela da nossa população até o ingresso feminino na escola e a formalização de um currículo orientado pelo gênero. De acordo com o currículo em questão, as meninas “não aprendiam todas as matérias ensinadas aos meninos, principalmente as consideradas mais racionais como a geometria,

e em compensação deveriam aprender as ‘artes do lar’, as prendas domésticas” (STAMATTO, 2002, p. 298). Esse pensamento ainda se faz presente em nossa sociedade (embora o currículo, em tese, não seja mais orientado pelo gênero), pois parcela significativa da população continua a entender que as funções de cuidar da casa, cozinhar e cuidar dos filhos, por exemplo, são próprias das mulheres. Podemos observar essas tarefas nas seguintes falas:

“[...] sou doméstica, esposa, dona casa e trabalho na rua [...] e não acho nada de demais você trabalhar fora e fazer coisas em casa tipo comida, varrer casa, lavar prato, lavar roupa, pra mim isso é normal”. Empreendedora A.

“[...] no início, o marido não quer, e tem filho que você precisa cuidar, né? [...] você quer muito, então, foi difícil, mas é gratificante”. Empreendedora B (Em relação às dificuldades com as quais se defrontou no início do negócio).

Esses depoimentos apenas endossam a ideia de que os afazeres domésticos recaem sobre as mulheres independente de estas desempenharem atividades profissionais. Por mais que isso se tenha naturalizado em nossa sociedade, não deixa de ser evidente que a dupla jornada, caracterizada pela articulação forçosa entre trabalho remunerado e doméstico (visto que este lhe é imposto), torna a vida profissional de uma mulher mais desgastante. Em relação aos casos em questão, entende-se que, da parte da mulher, é necessário um esforço maior do que o feito por um homem, que não possui a jornada dupla, por exemplo, na gestão do negócio pelo qual é responsável.

Além disso, como há quem siga acreditando que mulheres não possuem as habilidades necessárias para o trabalho de gestão, estas ainda experimentam situações diversas de descrédito. A fim de compreender o nível de desigualdade no tratamento, gerada pelo preconceito de gênero, que permeia o cotidiano das mulheres que empreendem, foi perguntado se elas já haviam sido vítimas de atitudes ou de comentários sexistas. Duas delas prestaram as seguintes informações:

“[...] um fornecedor que disse que preferia resolver com meu esposo porque é homem. [...] eu disse: ou resolve comigo ou não resolve, pra mostrar que não é só com homem que se resolve [...]”. Empreendedora A.

“[...] tive sorte em relação a clientes [...]. Se eu tivesse de ter algum problema, seria com o meu pai, porque, às vezes, ele é meio machista, [...] mas como eu estou dando resultado a ele, ele não fala nada”. Empreendedora C.

No caso apresentado pela Empreendedora A, o preconceito sofrido foi explícito, pois sua capacidade de negociação foi questionada pelo fato de ser mulher; o que difere do caso da Empreendedora C, que não menciona nenhum sexismo explícito, mas reconhece que, se não estivesse obtendo bons resultados na condução do negócio, o pai questionaria sua capacidade, atrelando-a ao fato de ser mulher. Isso nos permite compreender que, mascarado ou não, o preconceito de gênero se faz presente no dia a dia de uma empreendedora. Em relação à Empreendedora B, esta afirmou que, no seu segmento, é difícil que esse tipo de coisa ocorra, por ser este considerado feminino [é importante recordar que se trata de uma cabeleireira].

No que se refere ao empreendimento, observamos que eles não são comandados por apenas gestoras que apenas administram organizações preestabelecidas, e sim por mulheres com uma veia empreendedora que buscam inovar constantemente em seus negócios. Isso pode ser notado nas seguintes falas:

“E, há dois anos atrás, eu comecei a trabalhar com o *plus size*. Estou me identificando muito”. Empreendedora A.

“[...] ao término da minha capacitação, [...] eu já consiga passar de salão para, de repente, uma clínica de estética”. Empreendedora B.

“[...] comprei um terreno, [...] no intuito de transformar em um *buffet* [...]”. Empreendedora C.

A primeira fala mostra a especificação de um segmento após a observância de um nicho de mercado. Ainda que se trate de um negócio pequeno, a inovação se faz presente. A segunda e a terceira falas têm em comum a perspectiva de expansão do negócio. Mesmo que ambos os empreendimentos estejam apresentando bons resultados, se sustentando e gerando lucro, as empreendedoras veem a necessidade de não parar e já planejam o crescimento destes, traçando metas.

Para além da análise dessas questões, um dos objetivos do projeto consistiu em identificar fragilidades em possíveis práticas adotadas pelas empreendedoras e propor ações, a fim de que estas pudessem ser otimizadas. Nesse sentido, durante as entrevistas e visitas, foram observadas algumas disfunções nos processos gerenciais e operacionais. Para a troca de saberes ser completa, foram sugeridas algumas melhorias nesses processos, tais como:

- Informatização da gestão financeira. As empreendedoras, quando o fazem, realizam o controle financeiro de suas empresas por meio de um caderninho, o que não é prático, e dá espaço para uma margem de erro maior. Por isso, foi sugerido fazer o controle de fluxo

de caixa, balanço patrimonial, estabelecimento de capital de giro, entre outras ferramentas da gestão financeira, digitalmente. A princípio, isso seria realizado por meio de planilhas, transcrevendo dados já existentes, para, posteriormente, aplicá-los a um software específico que deve ser alimentado com dados diariamente.

- Gestão de estoque e materiais. À empreendedora A, que tem um negócio no segmento de moda, foi sugerida a implementação de classificação de estoque ABC e estoque mínimo, para que a mesma tenha um controle melhor de seu estoque, permitindo gerenciar melhor o número de compras ao fornecedor, limitando-o somente ao que é necessário. O mesmo foi sugerido à empreendedora C, que tem um negócio no ramo alimentício, para que, por meio dessas medidas, seja evitado desperdício de alimentos.
- Plano de negócio. No que diz respeito à expansão da lanchonete da empreendedora C para um *buffet*, foi recomendada a elaboração de um plano de negócio para analisar a viabilidade dessas expansão, observando se é um bom investimento. Caso uma resposta positiva seja obtida, o referido plano a ajudará a traçar metas mais claras para que esse objetivo seja atingido.
- Análise do *layout*. Em se tratando da expansão de um salão de beleza para uma clínica de estética, foi proposta a análise do *layout* do atual local do salão, observando se, com a expansão dos serviços, é possível a permanência no mesmo prédio, mesmo que com algumas reformas, ou se é necessária a mudança para outro lugar.

5 Considerações Finais

Para a realização desta pesquisa algumas dificuldades foram enfrentadas. Devido às intensas jornadas de trabalho vivenciadas como rotina pelas empreendedoras participantes deste processo, vários entraves apareceram na constatação dessas mulheres e marcação de horários para entrevistas. Outra questão foi reflexo dos espaços físicos dos empreendimentos que algumas vezes acabou por inviabilizar a realização das entrevistas. Por fim, alguns problemas com o equipamento do audiovisual foram remediados.

Superadas as dificuldades impostas no desenvolvimento da pesquisa, ambicionamos realizar a produção de documentário curta metragem, a fim de apresentar essas vivências das mulheres não só para os fins acadêmicos, mas também para toda a comunidade. Para isso, coletamos material audiovisual com base no conhecimento de uma

estudante voluntária de cinema e usando como inspiração o documentário Flores de Ximenes.

Por fim, acreditamos que atingimos o objetivo de resgatar as trajetórias de mulheres empreendedoras que atuam no centro da cidade do Paulista, contribuindo para o aprimoramento (e consequente estruturação) de seus negócios, bem como para a formação dos estudantes do Curso Técnico em Administração do Campus.

Concluimos que convém continuarmos a refletir, para além deste projeto, sobre essas estruturas de poder que sustentam as múltiplas jornadas de trabalho das mulheres; hierarquizam as pessoas com base no gênero e influenciam o mercado de trabalho, bem como, precisamos estabelecer linhas de pesquisas mais aprofundadas a respeito desta temática.

Referências

BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

GEM. Global Entrepreneurship. **Empreendedorismo no Brasil**: relatório executivo 2017. [Curitiba]: IBQP, [2018]. Disponível em: http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Relat%C3%B3rio%20Executivo%20BRASIL_web.pdf. Acesso em: 02 dez. 2018.

GEM. Global Entrepreneurship. **Empreendedorismo no Brasil**: 2016. Curitiba: IBQP, 2017. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/GEM%20Nacional%20-%20web.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2018.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. *In*: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2017. p.443-481.

RAGO, M. Trabalho feminino e sexualidade. *In*: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2017. p.578-606.

SCHUMPETER, J. A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. São Paulo: Ed. Unesp, 2017.

SCHUMPETER, J. A. **The theory of economic development**. Cambridge: Harvard University Press, 1934.

STAMATTO, M. I. S. Um olhar na história: a mulher na escola (Brasil: 1549-1910). *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2., 2002, Natal. **Anais** [...]. Natal: NAC, 2002, v. 1. p. 294-295.

Recebido em 04/01/2019.
Aprovado em 30/06/2020.
Publicado em 24/08/2020.